



Entrevista pingue-pongue: tipos usuais no jornalismo brasileiro

Ping-pong interview: usual types in Brazilian journalism

Entrevista ping-pong: tipos habituales en el periodismo brasileño

Tháisa Cristina Bueno - Universidade Federal do Maranhão | São Luís | Maranhão | Brasil | thaisabu@gmail.com |  <http://orcid.org/0000-0002-7048-3920>.

Resumo: Este artigo propõe uma catalogação didático-pedagógica de tipos de entrevista pingue-pongue usual no jornalismo escrito nacional com o intuito de sistematizar alguns modelos de textos possíveis e suas variações. A pesquisa vem sanar uma lacuna no debate sobre entrevista escrita, visto que boa parte da literatura que discute o tema na área, em língua portuguesa, dedica-se a tratar, mais pontualmente, das orientações de execução e das condições de produção – Erbolato (1991), Lage (2003), Pereira Júnior (2006), Oyama (2009), Floresta e Braslauskas (2009), Nascimento (2009), Pinto (2009), Cremilda Medina (1995), etc. Trata-se de um exercício didático de base descritiva, com amostras por intencionalidade, cujo material do campo foi identificado e captado durante dez semestres (2013, 2014, 2016, 2017 e 2018) em que a pesquisadora atuou como responsável pela disciplina de Gêneros Jornalísticos. A pesquisa também estrutura uma revisão de literatura sobre o assunto.

Palavras-chave: Tipologia. Entrevista Pingue-Pongue. Jornalismo.

Abstract: This article proposes a didactic-pedagogical cataloging of types of ping-pong interviews usual in national written journalism in order to systematize some models of possible texts and their variations. The research fill a gap in the debate on written interview, since much of the literature in Portuguese language that discusses the subject is devoted to dealing more specifically with the implementation of guidelines and production conditions - Erbolato (1991), Lage (2003), Pereira Júnior (2006), Oyama (2009), Floresta e Braslauskas (2009), Nascimento (2009), Pinto (2009), Cremilda Medina (1995), and so on. This research is descriptive, with samples intentionality selected, and its field material was identified and captured during ten semesters (2013, 2014, 2016, 2017 and 2018) when the researcher was the professor of Journalistic Genres. The research also organizes a literature review on the subject.

Keywords: Typology. Ping-pong interview. Journalism.

Resumen: Este artículo propone una catalogación didáctico-pedagógica de los tipos de entrevistas de ping-pong habituales en el periodismo escrito nacional para sistematizar algunos modelos de posibles textos y sus variaciones. La investigación trata de remediar una brecha en el debate acerca de la escritura entrevista, como gran parte de la



literatura que trata sobre el tema de la zona, en portugués, se dedica a tratar con mayor prontitud, la aplicación de las directrices y las condiciones de producción - Erbolato(1991), Lage (2003), Pereira Júnior (2006), Oyama (2009), Floresta e Braslauskas (2009) e Nascimento (2009, Pinto (2009), Cremilda Medina (1995), etc. Se trata de una investigación de base descriptiva, con muestras por intencionalidad, cuyo material del campo fue identificado y captado durante diez semestres (2013, 2014, 2016, 2017 y 2018) en que la investigadora actuó como responsable de la disciplina de Géneros Periodísticos. La investigación también estructura una revisión de literatura sobre el tema.

Palabras clave: Tipología. Entrevista Ping-pong. Periodismo.



<http://dx.doi.org/10.22484/2318-5694.2020v8n18p266-291>

Recebido em janeiro 2020 – Aprovado em junho 2020.



1 Introdução

Considerado um texto nobre entre os produtos jornalísticos, seja por ser um espaço privilegiado que evidencia tanto o talento do repórter na condução da conversa, quanto a autoridade do personagem, a entrevista já foi categorizada por diversos autores, seja como formato das classificações de gênero no jornalismo –Melo (2009), Chaparro (2008), Jorge Bomfim Medina (2001) –, seja pelas características de produção e/ou intenção por trás da prática – Erbolato (1991), Lage (2003), Pereira Júnior (2006), Oyama (2009), Floresta e Braslauskas (2009), Nascimento (2009), Pinto (2009) –, ou a partir de modos de interação – Cremilda Medina (1995).

Como ponderam Melo e Assis (2010), desde que o jornalismo se converteu em objeto científico que as classificações, ancoradas em observação textual ou nas práticas, têm sido alvo de pesquisas ora complementares e ora dissonantes acerca da melhor etiqueta para seus produtos finais. Sobre a entrevista, em particular, Lage (2003) já havia argumentado há bem mais de uma década que o termo é uma designação ruim para representar o texto que privilegia uma voz na condução de um assunto por conta da ambiguidade que a palavra agrega, sendo ao mesmo tempo a técnica de obtenção de informações (um meio) e o resultado desse diálogo, o produto em si (um fim). Travancas (2012) também argumentou sobre a expressão “entrevista” remeter a dois processos: um de prática, na aplicação de métodos para obtenção de informações na rotina da profissão; e outro de construção do texto, ratificando sua imprecisão.

De qualquer modo, com mais ou menos clareza, o fato é que o vocábulo consagrou-se como expressão usual para descrever o texto que materializa uma conversa entre fonte e repórter, transcrita na íntegra, incluindo a pergunta do jornalista, ainda que sua descrição detalhada, enquanto produto final, seja pouco usual. Isso porque, tanto na literatura teórica, quanto na de mercado (manuais de redação), a maior parte das



categorizações se dedica à sua prática e mecanismos de produção. Ao mapear os trabalhos sobre classificação de entrevistas no Brasil, a partir de estudos teóricos e dos manuais de redação dos principais veículos escritos brasileiros, Pereira (2017) afirma que, apesar de ser possível encontrar um número significativo de pesquisas e escritos sobre o tema, o assunto apresenta lacunas, ora conceituais, ora de descrição. Como escreveu: “[...] a entrevista ainda costuma ser analisada de forma fragmentada pelos pesquisadores no Brasil” (PEREIRA, 2017, p. 140).

Denominada de diferentes formas – pingue-pongue, pergunta e resposta (MARTINS FILHO, 1997), bate-papo (PINHEIRO, 2013) ou entrevista perfil (OYAMA, 2009) – as publicações voltadas a debater esse texto tratam bem mais detalhadamente dos procedimentos de como se conseguir uma boa entrevista, que das possibilidades estilísticas de sua construção. Ainda que, nas observações do campo comunicacional, como apontam Melo e Assis (2010), foram encontradas particularidades que abarcaram outras subdivisões, nem sempre contempladas numa categorização ampla como a de gênero. “[...] unidades de mensagem se agrupam em classes, mais conhecidas como *gêneros*, extensão que se divide em outras, denominadas *formatos*, os quais, em relação à primeira, são desdobrados em espécies, chamadas *tipos*” (MELO; ASSIS, 2010, p. 35, grifos do autor). Neste sentido, na concepção do autor, a entrevista não encerraria em si uma única edição, já que, pode contemplar tipos.

É nesta perspectiva, da entrevista pingue-pongue como um formato do gênero informativo, que pode contemplar tipos diferentes que este artigo se constrói. O objetivo é, a partir de um estudo na mídia nacional, apresentar uma tipologia de entrevista pingue-pongue tendo como orientação a observação dos distintos textos publicados neste formato. Trata-se de uma pesquisa de base descritiva, com amostras por intencionalidade – aquelas em que o pesquisador escolhe por julgamento a partir de seu conhecimento do campo (MARCONI; LAKATOS, 2018) –, que



tem como propósito debater o tema entrevista na atualidade e sistematizar os padrões no formato de pergunta e resposta.

A escolha por um levantamento exploratório por intencionalidade se justifica por duas razões: primeiramente porque este estudo não tem propósitos estatísticos, mas intenciona-se apresentar algumas possibilidades de publicação que a entrevista escrita no formato pingue-pongue permite e que em geral não se encontra sistematizada na literatura técnica da área; secundamente porque boa parte dos exemplos usados neste artigo é resultante de um trabalho de campo feito durante dez semestres (2013, 2014 e 2016 a 2018) em que esta pesquisadora atuou como professora da disciplina de Gêneros Jornalísticos, no curso de Comunicação Social – Jornalismo¹ e configura uma parcela do material didático usado nesse período.

Para realização do levantamento, durante os semestres da disciplina, professora e alunos foram instigados a organizar um banco de dados com tipos de entrevistas pingue-pongue que fugissem do tradicional – apresentação do entrevistado, perguntas objetivas e abertas, poucas descrições do comportamento ou emoções dos entrevistados, uma pergunta por vez e um entrevistador ou veículo na condução da conversa – a partir da leitura do material bibliográfico. Neste período foram orientados a pesquisar em veículos de representatividade nacional: impressos – *O Estado de São Paulo*; *Folha de S. Paulo* e *O Globo* -; revistas da editora *Abril* e *O Globo* – todos veículos que dispunham de manual de redação. Além disso, todos estavam incentivados a catalogar, ainda, achados de modelos que pudessem contribuir com a pesquisa e que não estivessem na listagem formal do estudo. O foco era encontrar tipos destoantes do modelo padrão.

Para realização do artigo, recorreu-se ainda a duas estratégias para a construção das categorias analíticas: 1. Levantamento de artigos e livros

¹ O nome da universidade foi suprido do artigo para garantir o anonimato desta submissão.



em português sobre a temática, a fim de selecionar as categorizações que tratam diretamente dos tipos de entrevistas mais usuais e seus critérios de triagem; 2. Leitura de manuais de redação, com o objetivo de averiguar alguma possível orientação sobre a construção do texto da entrevista no formato estudado.

2 A etiqueta “Entrevista”

Não é recente a prática de a imprensa transcrever interlocuções com personagens em formato de texto de entrevista. É bem verdade que, no montante de publicações diárias da imprensa, outras produções igualmente convencionais (nota, notícia e reportagem, por exemplo) são mais corriqueiras. Ainda assim, o formato pingue-pongue reporta ao início do século retrasado. Como conta Erbolato (1991, p. 158), “as origens da entrevista como gênero jornalístico remontariam a 1836, quando James Gordon Bennet fez perguntas a Rosina Townsend, proprietária de um prostíbulo em Nova York no qual ocorrera um assassinato classificado então como sensacional”.

Beltrão (1969) indica historicamente que o formato teria entrado na rotina jornalística um pouco mais tarde, em 1859, quando o repórter Horance Greelay, do *Herald Tribune*, de Nova York, transcreveu uma conversa com o fundador da igreja dos Mórmons. Os dois exemplos também são citados nos estudo de Pereira Júnior (2006, p. 46), que pondera ser a entrevista Rosina Townsend uma ruptura porque “a fala de Rosina corre inteiriça, em espaço próprio, e — mais importante — com destaque de retranca principal”, embora admita que na época de sua publicação outros jornais europeus já tivessem experimentado procedimentos que antecipavam o que seria hoje a entrevista pingue-pongue.

De qualquer modo, ao que se sabe, o texto considerado ilustre nos dias de hoje – conforme Cremilda Medina (1995, p. 88), ao estudar o formato na mídia impressa, este padrão só costuma ser publicado “em



situações especiais”; e, de acordo com *Manual do Estado de S. Paulo*, sua escolha ocorre quando “o assunto e o entrevistado devem ser suficientemente importantes para que se justifique o recurso dessa matéria” – não foi bem recebido na sua época. Erbolato (1991, p. 158) destaca que em artigo publicado no período pelo jornal *Gazette*, de Londres, o jornal classificou a novidade como “degradante e cansativa”.

De acordo com Altman (2004, p. 19), foi somente no fim do século XIX que essa prática de publicar a pergunta e a resposta na íntegra começou a se popularizar. Para Cremilda Medina (1995), no Brasil, um impulso ao formato foi registrado na metade século passado, a partir de 1950. Entre os veículos citados pela autora que contribuíram para a difusão da entrevista como texto de destaque na imprensa estão *O Cruzeiro*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*, *Jornal da Tarde* e outros. Pedro Piccoli Garcia (2016) elenca ainda outras duas publicações relevantes: *O Pasquim* e a Revista *Veja*, que em junho de 1969 inicia a publicação do modelo na seção “Páginas Amarelas”.

Embora não se tenham estatísticas sobre o quanto este formato de texto alcança de leitura se comparado a outros informativos, o fato é que a entrevista como produto final se mostra como um artigo de luxo, já que tem espaço fixo e de destaque em revistas, jornais e sites.

Se observarmos a realidade brasileira, todas as revistas da atualidade de maior circulação no País dedicam espaços fixos às entrevistas pingue-pongue. Em alguns casos, essas seções são tradicionais e compõem a “identidade” das publicações - exemplos disso são as seções “Páginas Amarelas”, da *Veja*, e “Páginas Vermelhas”, da *IstoÉ*. [...] Também é fácil notar a presença marcante de entrevistas pingue-pongue em revistas especializadas, principalmente as que se ocupam da área de cultura e variedades (GARCIA, P., 2016).

Sobre a importância do formato, Silva (2009), ao avaliar índices sociais de valor da entrevista pingue-pongue no jornalismo de revista nacional, conclui que este tem uma projeção de magnitude maior se comparado a outros padrões do gênero informativo, entre outras coisas,



por desfrutar de um espaço fixo, por selecionar o entrevistado pelo seu papel social de destaque, pela extensão textual da publicação e, por fim, pelo próprio conteúdo semântico que permite uma condução mais direta do veículo na interação entre o entrevistador e a fonte.

Squarisi e Salvador (2005) argumentam, ainda, que tal texto é considerado de maior dificuldade na prática jornalística por três razões: primeiro porque é necessária uma seleção prévia do entrevistado, já que não há espaço para muitos iguais, criando assim uma disputa e valorização de sua produção; segundo por conta da condução e seleção das perguntas que pode, em tese, expor o talento e ou o despreparo do repórter; e, por fim, por conta da própria edição que vai imprimir ritmo e torná-lo mais atrativo.

3 As classificações

Boa parte das classificações sobre os gêneros e formatos no jornalismo inclui a entrevista. Apesar de não estar listada, por exemplo, no inventário de Beltrão (1969), aparece como formato do gênero informativo nas proposições de Melo (2009) e Jorge Bomfim Medina (2001), e como “espécie básica da expressão verbal” do gênero relato na sugestão de Chaparro (2008, p. 111). Mesmo com a recorrente referência à sua existência nas discussões sobre os gêneros, a entrevista pingue-pongue não tem recebido muita atenção na literatura da área no que tange debater suas peculiaridades estilísticas. A maioria das categorizações sobre entrevista encontradas nessas publicações tem como foco os procedimentos – dicas de como obter boas respostas, como se preparar para o diálogo ou modo de comportamento durante a prática, etc. – e condições de produção – tipos de entrevistados e modelos de rotina, por exemplo.

No compêndio de dicas, Caputo (2006) lista 15 direções sobre como proceder na produção e formatação deste texto. Indicações parecidas são encontradas em Pinto (2009), Floresta e Braslauskas (2009), Nascimento



(2009), Oyama (2009), Tavares e Schwaab (2013), Barbeiro e Lima (2013) e nos manuais de redação. O manual adotado pelo jornal O Estado de São Paulo (MARTINS FILHO, 1997) dedica 13 tópicos para debater formas de condução e postura durante as entrevistas. Questões relacionadas ao texto se resumem a orientações formais como negritar a pergunta, não usar aspas e/ou excluir erros e vícios de linguagem dos entrevistados. No que tange especificamente à classificação das entrevistas, os manuais também são pouco sistematizados. Na publicação do *Estadão* encontram-se duas tipologias descritas: o “texto corrido”, que seria o uso de citações no desenvolver de uma matéria; e o modelo “pergunta e resposta”, neste último a única possibilidade aviltada de debater variações está no tópico 11, em que trata da possibilidade de entrevistas resultantes de coletivas de imprensa. “Nas entrevistas coletivas há apenas duas possibilidades: a) apresentar, cada pergunta com o nome do jornal [...] a que pertence o jornalista que a fez, b) usar apenas a indicação da pergunta” (MARTINS FILHO, 1997, p. 110).

O *Globo* emprega a mesma diferenciação, com um modelo denominado “declaração” e outro “estilo pingue-pongue” (GARCIA, L., 1993), sem mais detalhamentos. Por fim, o manual da Folha de S.Paulo, tanto a edição de 2002, quanto a mais atualizada, de 2018, repete a seleção de “entrevista exclusiva”, “entrevista coletiva” e “entrevista pingue-pongue”, sendo que as orientações sobre todas elas são da ordem de produção.

Para além da leitura dos manuais, outros arranjos foram encontrados e propostos por autores da área. Das sete classificações selecionadas e apresentadas neste artigo – Erbolato (1991), Lage (2003), Cremilda Medina (1995), Pereira Júnior (2006), Oyama (2009), Floresta e Braslauskas (2009), Nascimento (2009) e Pinto (2009) – basicamente três critérios norteadores foram identificados como guias de tais agrupamentos: a) Procedimentos, que implica divisão por tipos a partir das condições de produção e situação da entrevista; b) Objetivo, cujo foco está na intenção



que orienta sua adoção e c) Formatação, que atentam para a estruturação material do texto – este último menos frequente.

Dos nove modelos categorizados por Erbolato (1991), por exemplo, seis tratam de procedimentos – entrevistas de rotina e categorizadas (geradoras de matéria); a partir do número de entrevistados (individual e grupal) ou entrevistadores (coletiva e pessoal) – e três têm o objetivo como critério-base (informativa, opinativa e ilustrativa/biográfica). Na exposição de Lage (2003) também é possível identificar esses nortes de seleção. O autor divide as entrevistas como temática, testemunhal, de profundidade e ritual, e neste sentido remetem ao objetivo da sua prática; e ocasional, confronto, coletiva e dialogal, esta última para ilustrar as que são usadas para criar citações em matérias, o que se aproxima do que definimos como procedimentos. Ao tratar do texto propriamente dito, o autor inclui mais uma subdivisão, que chamou de “formas de apresentação”. No jornal impresso ele catalogou entrevista tratada como notícia, como perfil, quando é o ponto de partida para narrar a história de um personagem; e como pergunta e resposta.

A exposição de Cremilda Medina (1995), embora apresente uma listagem mais do âmbito interacional e sobre a relação entre os envolvidos, também se encaixa nos critérios gerais mencionados neste estudo. A autora elencou oito variações a partir de categorias que ela chamou de Espetacularização, cujos tipos incluem perfil pitoresco, perfil de ironia intelectualizada, perfil inusitado; e de Compreensão, com entrevista conceitual, entrevista investigativa, entrevista confronto e perfil humanizado. Ambos podem ser entendidos como intenção/objetivo.

Já Pinto (2009) aponta tipos de entrevista cuja classificação, na maioria, se refere aos procedimentos. Sua categorização tem entrevistas feita por e-mail, por telefone ou pessoalmente, que abordam o modo de fazer; ou outras, cujo olhar se volta para o temperamento dos entrevistados: relutantes, agressivos ou em casos de tragédias. Há ainda uma categoria que se encaixa no que se denomina nesta pesquisa como



Formatação, já que o autor descreve entrevistas por formato: pingue-pongue (perguntas e respostas), entrevista (usadas para citação) e quentes – esta última destoante da classificação e mais próxima da etiqueta procedimentos, já que retrata a urgência ou não da pauta a ela vinculada. Retomando a categoria Formatação, encontra-se a proposição de Pereira Júnior (2006), com quatro exemplos relacionados: com pergunta e resposta, com texto em primeira pessoa e títulos a nomear os temas, com texto corrido em primeira pessoa e com texto corrido com citação entre aspas. Por fim, Floresta e Braslauskas (2009) e Nascimento (2009) apresentam proposições classificatórias semelhantes, um que se apropria das falas das entrevistas para incluir citações em matérias e outra que transcreve a pergunta e a resposta.

Das sete catalogações apresentadas pelos autores, a entrevista pingue-pongue aparece em seis estudos: Lage (2003) Pereira Júnior (2006), Oyama (2009), Floresta e Braslauskas (2009), Nascimento (2009) e Pinto (2009). Ainda assim não foi encontrada uma apresentação sobre como esse texto pode ou é usualmente apresentado na sua edição. Duas das descrições de Pereira Júnior (2006) são as que mais se aproximam da ideia de classificação que orienta este artigo – Com texto em primeira pessoa e títulos a nomear os temas e texto corrido em primeira pessoa –, embora o autor não tenha aprofundado a discussão no seu livro. Parte disso talvez ocorra porque, como ajuizou Chaparro (2008, p. 129): “os dados referentes à Entrevista confirmam que a espécie tem também traços de hibridez, mas no que se refere apenas às intencionalidades e aos efeitos dos conteúdos. As características preponderantes são as do estilo formal, e essas pertencem à narração”.

Apesar de, como defende o autor, repetir com mais frequência “o estilo formal”, o fato é que isso não impede que seja possível encontrar diferenciações no modo como essa entrevista se apresenta nas publicações jornalísticas. Tanto que o próprio Chaparro (2008) expõe uma descrição mais detalhada dos tipos usuais em dois formatos (espécies para usar a



expressão do autor) do gênero relato, o qual a entrevista pingue-pongue também se encontra. O autor catalogou, por exemplo, distintas formas de produzir a reportagem e também propôs “subespécies” de notícia.

4 Categorias analíticas e metodológicas

Para fins conceituais é importante esclarecer que “tipos” aqui apresentados estão em consonância com a categorização de Melo e Assis (2016). Ao tentar explicar essa distinção entre gênero, formato e tipo, os autores destacam que “[...] no recorte dos ‘gêneros’ e dos ‘formatos’ jornalísticos [...] percebemos que a segunda dessas classes suporta mais um desdobramento – denominado “tipo” –, caracterizado segundo a própria natureza de cada forma de expressão jornalística, assim como pelas demandas de seu uso (MELO; ASSIS, 2016, p. 41). Os autores recorrem a um exemplo bastante esclarecedor para este artigo: “O gênero informativo comporta o *formato* reportagem, que, por sua vez, pode ser desenvolvido no tipo grande reportagem” (MELO; ASSIS, 2016, p. 46). Mesmo ciente das possibilidades, os autores não chegam a descrever tipos de entrevista pingue-pongue.

Uma vez esclarecidas as categorias tratadas neste estudo, é importante reforçar que a amostragem selecionada, não probabilística por intencionalidade, é aquela em que a escolha “[...] é feita a partir da experiência do pesquisador no campo de pesquisa, numa empiria pautada em raciocínios instruídos por conhecimentos teóricos da relação entre o objeto de estudo e o corpus a ser estudado” (FONTANELLA *et al.*, 2011, p. 389). Desse modo, a seleção aqui sujeitada atende tais orientações, uma vez que boa parte dos exemplos é resultado de levantamentos colhidos durante os dez semestres em que o tema entrevista pingue-pongue foi pautado durante a disciplina de Gêneros Jornalísticos, no curso Jornalismo, de uma universidade pública.



Embora, como já foi demonstrada, a grande maioria das orientações desses materiais não tenha efetivamente nada sistematizado sobre os textos da entrevista propriamente dito, ao longo da leitura buscou-se levantar direções que pudessem de algum modo sugerir alguma marca para sua escrita e edição. O intuito foi reunir de forma organizada o que pode ser demarcado como intrínseco à composição costumeira de entrevista. A partir dessa catalogação, e com ela definindo o modelo mais ortodoxo, parte-se para pensar em variações e outras possíveis publicações que se parecem com o modelo pingue-pongue, mas que não configuram a entrevista desta categoria.

Para sistematizar essas marcas preponderantes e que permitem pensar variações, tentou-se respeitar as orientações de Melo e Assis (2016) sobre a tipologia ser marcada pela “forma de expressão e demandas de uso”. Assim, ainda que as características aqui apresentadas reforcem em alguns momentos orientações de procedimentos e modos de produção, diferentemente das demais categorizações, buscou-se focar em como esses nortes repercutem no texto final.

Basicamente no que tange à apresentação formal o modelo inclui-se a transcrição da pergunta e da resposta da entrevista – embora algumas variações possam ser pensadas como na classificação de Pereira Júnior (2006) – e um texto de apresentação. Além disso, outras marcas foram selecionadas:

- a) **Interação síncrona:** uma orientação frequente é a de que a entrevista seja feita de forma simultânea e, em geral, por meio da interação face a face. Ainda que se possa incluir aqui outras propostas de mediação, o que se consolida como parte do formato é que permite uma interação concomitante, **que pode ser demonstrada no surgimento de perguntas a partir de respostas.**
- b) **Autoral:** boa parte faz referência a perguntas exclusivas. É também entendido como um trabalho que destaca a autoria do jornalista e que



enfoca a preparação deste sobre o tema. **A marca pode ser identificada a partir do crédito da entrevista.**

- c) **Perguntas objetivas e abertas:** Sugere-se com frequência a adoção de questões que levem à reflexão de um fato ou dado anteriormente apurado e contextualizado e não perguntas óbvias, como profissão, idade etc., ou que possam ser respondidas com uma única palavra e com “sim” ou “não”. **O grau de elaboração da pergunta explicita essa marca.**
- d) **Edição:** boa parte dos textos pondera para retirar repetições e vícios de linguagem, ainda que a maioria destaque que é importante manter o “tom” da conversa.

O exemplo que descreve esse padrão foi intitulado de **Entrevista Pingue-Pongue Clássica** e, a partir dele, apresentam-se adiante suas variações. A entrevista catalogada neste tipo pode ser entendida como um modelo clássico porque atende as marcas mais comuns: um entrevistado como foco, um repórter na condução, perguntas objetivas, cujas respostas são transcritas do modo como a entrevista se expressou; discussão aprofundada sobre o assunto, não uma mera confirmação de dados, mostrando a preparação do jornalista sobre o tema abordado; e edição sem marcas de repetições. Esse é um tipo muito usual nas revistas, jornais impressos e em sites de informação – encontramos exemplos nas tradicionais páginas amarelas da revista *Veja*, nas páginas vermelhas da revista *IstoÉ*, na revista *Época*, na sessão da “Entrevista da Segunda” da *Folha de S.Paulo*, na editoria “Entrevista”, do Jornal eletrônico *Nexo*, entre outras do escopo de pesquisa e de outros que foram incluídos como extras.

Os trechos da entrevista escolhida com a jogadora de futebol Marta, na sessão “Entrevista de Segunda”, na *Folha de S.Paulo*, permitem enxergar as características que a colocam na categoria proposta.

Esperava ganhar o prêmio de melhor do mundo este ano? Eu fiquei muito feliz quando vi meu nome entre as três



melhores. Depois que recebi a notícia, comecei a imaginar que poderia ganhar o prêmio porque a escolha foi baseada na temporada de 2017 para 2018. [...]

Já foi vítima de sexismo? Já ouviu que por ser mulher não deveria jogar futebol? Essa primeira parte não. Os meninos não se atreviam a falar merdinha comigo. Se falassem, eu entrava na porrada. Já defendi amigas de piadinha de mau gosto. [...]. (COSENZO; RODRIGUES, 2018).

Embora a linha editorial dos veículos permita uma variação de linguagem, ora mais informal e com perguntas mais curtas, essas peculiaridades não chegam a formatar um tipo diferente, já que as orientações-base são as mesmas.

5 Uma proposta de tipologia

A partir do modelo de referência outra variante foi encontrada ao longo do estudo. Seguindo quase que na sua totalidade a orientação deste modelo tradicional encontrou uma variação já apontada na pesquisa de Garcia (2016) ao analisar as entrevistas da antiga revista *Playboy*, publicação que deixou de circular no país em 2015. Embora o pesquisador não chegue a propor uma classificação específica para a entrevista, ao contrário, ele a chama de entrevista pingue-pongue, ao esmiuçar as particularidades de condução desses diálogos consegue-se apontar uma pequena mudança às orientações que guiam o modelo clássico: a interação informal entre o jornalista e o entrevistado, que se permite responder indagações do personagem e inclusive publicá-las como um modo de garantir informalidade. Inicialmente poder-se-ia pensar que esta seria uma mera variação ancorada na linha editorial do veículo, mas olhando com mais cuidado acredita-se que pode ser efetivamente um modelo distinto, já que não se encontra facilmente a repetição do estilo, mesmo em publicações de orientação editorial mais leve, como a própria *TPM*; e esta interação não esteja catalogada nos textos de técnicas de entrevista. O próprio manual da *Folha de S.Paulo* (2018) orienta para que o repórter responda



brevemente se o entrevistado lhe pedir a opinião e que este tipo de situação não deve, necessariamente, estar na publicação; e ao falar da interação e das respostas em casos de indagação, Lage (2003) esclarece que deve ser vista com cuidado, já que pode instigar a uma competição entre o entrevistador e o entrevistado.

Além disso, outras marcas apontadas por Garcia (2016) como típicas da publicação desta revista iam além da interlocução entre entrevistado e entrevistador, e incluíam a descrição de elementos extradiológicos, uma característica que também é usada em outras ocasiões em revistas que fazem uso da entrevista pingue-pongue, com explicação de risos, nervosismo e outras emoções observadas pelo repórter. Embora boa parte da literatura destaque a importância de se manter na edição “o clima” da entrevista, a maioria também frisa que a edição exclua vícios de linguagem, repetições e que seja mais objetiva. Assim, propõe-se colocar o modelo como uma variação e classificá-la como **Entrevista Pingue-Pongue Pitoresca**, no sentido de ser inusitada, pela excentricidade.

Segue a transcrição de um trecho da entrevista concedida pela atriz Cláudia Raia à revista *Quem*, em 2016.

Você está preocupada com a proximidade dos 50 anos?

Nem um pouco. Sou muito melhor agora. Meu problema é só o HD. Eu acordo, durmo, vivo pensando em como a TV em HD engorda a gente. Engorda e achata (risos)!

Como resolver isso?

Bom, é preciso ficar magra, saber usar o melhor ângulo do rosto - e ser amiga dos câmeras e dos diretores, claro (risos)! Sempre fiz aula de balé, musculação, aeróbica. Colho os frutos de uma vida com muito exercício, sem drogas e bebidas. (BEZZERA, 2016, grifos nossos).

A partir dessa tipologia, foi encontrado outro modelo de pingue-pongue que repete a informalidade da categoria Pitoresca, mas para além dessa peculiaridade, alia outra característica que acaba por constituir um novo tipo. Via de regra, a entrevista pingue-pongue mais tradicional é



marcada por um entrevistador que levanta dados e prepara perguntas objetivas. Usualmente conduzida por um único repórter e com uma pauta norteadora, uma variação desse modelo acabou se tornando referência no jornalismo e que aqui chamamos de **Entrevista Pingue-Pongue Conversa**². Trata-se do modelo adotado pelo jornal *O Pasquim*, veículo que circulou no país de 1969 a 1991; e também usual na revista *Caros Amigos*, que depois de 20 anos deixou de circular em 2017. Conduzidas por repórteres convidados para debater um assunto com a personalidade escolhida, essa configuração se aproximava muito mais de uma conversa que de uma entrevista mais ortodoxa. Então, uma peculiaridade dessa publicação é que não era um entrevistador do veículo, mas entre três e quatro entrevistadores convidados a conversar com o entrevistado. Inclusive, conversar é uma boa definição, já que as perguntas eram mais espontâneas e, inclusive, era comum ver interferências entre os repórteres antes mesmo da resposta do entrevistado. A transcrição permite visualizar as marcas do tipo.

Sergio: E Você se casou de novo, depois com alguém?

Jaguar: Quantos casos você teve, depois da separação?

Leila: Casos mil; casadinha nenhum. Na minha caminhada, dorme algumas noites, mais nada. Nada de estabilidade.

Jaguar: Vamos a uma comparação: você diria que o Domingos é o José Mauro Vasconcelos do cinema Brasileiro?

Leila: Vai a (*) que te (*). Não tem nada a ver. O Domingos é mais bacana. (TODA..., 1969).

Outra variação de entrevista com mais de um entrevistado é o que intitulamos **Pingue-Pongue Coletiva**. Ele mantém a lógica de mais de um jornalista entrevistando, mas o que o difere do primeiro, e que marca sua distinção, efetivamente, é que ele não é assinado por um veículo, mas

² O exemplo é resultado do levantamento bibliográfico.



resultado de uma ação de assessoria de imprensa e cuja transcrição apresenta juntamente com a pergunta o nome da empresa que a fez³.

A entrevista coletiva, enquanto técnica, foi catalogada por Lage (2003, p. 76) quanto ao número de entrevistadores, ou seja, quando vários veículos dividem o mesmo espaço e disputam a atenção do entrevistado. No tipo aqui encontrado, a organização e o comando do debate ficam por conta de uma assessoria de imprensa e usualmente o material é usado para produção de conteúdo no formato de notícia. Desta forma, a categoria aqui proposta como **Entrevista Pingue-Pongue Coletiva** seria aquele modelo resultado de uma entrevista coletiva, cujo diferencial é que o produto final não será uma matéria, mas uma transcrição no modelo de pergunta e resposta. Embora prevista nos manuais de jornal impresso, são raramente usuais. Ao descrever o pingue-pongue como resultado de entrevistas coletivas, o manual do *Estadão* esclarece:

Nas entrevistas coletivas, há duas possibilidades: a) Apresentar cada pergunta com o nome do jornal, revista ou emissora a que pertence o jornalista que a fez. b) Usar apenas a indicação pergunta, caso não se possa ou não se pretenda identificar cada pessoa que se dirigiu ao entrevistado. (MARTINS FILHO, 1997, p. 111).

Já nas práticas de assessorias, em geral nos sites institucionais, essa configuração aparece com mais frequência. É o caso das coletivas transcritas pela assessoria do Palácio do Planalto. Nesse modelo eles indicam o veículo que fez a pergunta.

Jornalista: Catarina Alencastro, **d'O Globo**. O ministro Jaques Wagner ontem disse que não tem um coelho na cartola para salvar a economia. Eu queria saber qual é a estratégia econômica que o governo está programando para esses próximos tempos. Obrigada.

³ Embora fuja do escopo inicial do levantamento, foi catalogada por ser entendida como um achado da pesquisa, assim como os recortes que seguirão adiante como contraexemplos.



Presidenta: Olha, eu acho que não tem um coelho em uma cartola, porque a questão da estabilidade macroeconômica ela tem a ver com algum, eu diria assim, duas grandes ações, que uma está ligada à outra, que nós temos que encaminhar: A primeira é a estabilidade macroeconômica. A estabilidade macroeconômica, ela tem o seguinte componente fundamental: o reequilíbrio fiscal do País. [...]

Jornalista: Presidente, Marina Dias, **da Folha de São Paulo**. O PT tem exigido algumas mudanças na condução da política econômica e fala até numa guinada à esquerda, para que a base social continue defendendo o mandato da senhora. Eu queria saber se a senhora pretende fazer uma guinada à esquerda ou se vai fazer algum aceno para alguma reivindicação do PT [...].

Presidenta: Olha, a discussão nem começou. Então, eu não acho que há de forma clara propostas na mesa. (ENTREVISTA..., 2016).

Ainda tendo como diferencial o número de entrevistadores, uma possibilidade de entrevista pingue-pongue com essa peculiaridade foi encontrada no especial *Entrevistas Estadão*, com uma série de entrevista publicada pouco antes das eleições de 2014. Por ser com mais de um jornalista (um grupo de jornalistas) ela poderia se enquadrar no modelo Conversa; no entanto, preferiu-se criar uma outra categoria por conta de resultado textual ser distinto e, inclusive, não previsto em manuais: não há transcrição da pergunta, mas uma contextualização do tema, seguido da resposta. Pereira Júnior (2006) chega a prever esse tipo de entrevista como “Com texto em primeira pessoa e títulos a nomear os temas”, mas não o intitulou. No exemplo encontrado no *Estadão*, as temáticas das perguntas aparecem como forma de intertítulo. Nesse sentido, embora o modo de produção se assemelhe ao tipo conversa, acaba por se apresentar como outro modelo que classificou-se de **Entrevista Pingue-Pongue Híbrida**, já que sua transcrição não segue o modelo padrão, assemelhando-se com uma matéria (notícia), embora não traga elementos constitutivos como lead, sublead e meios narrativos, mas sim uma descrição da fala do entrevistado contextualizada. Também não pode ser confundido com a notícia, porque segue uma citação abaixo da outra, um procedimento que,



inclusive, não é indicado na produção delas. “Finalmente, não despeje sobre o leitor uma torrente interminável de aspas”, (MARTINS FILHO, 1997, p. 87). No tipo aqui apresentado há, ainda, um texto de apresentação (Cabeça) seguido do crédito dos jornalistas e a contextualização da pergunta seguida da resposta, ou seja, uma apresentação como a do pingue-pongue.

A transcrição permite entender o modelo.

O candidato defendeu as indicações do próprio PSB ao governo Dilma Rousseff, como o ex-ministro de Integração Fernando Bezerra, ao ser instigado a compará-lo com Edison Lobão, indicado por Sarney para a pasta de Minas e Energia.

“Edison Lobão não entende nada de energia. Se não, não deixaria a presidente fazer demagogia com a conta de luz”, justificou. “Nosso governo não vai indicar gente inapta porque é pedido de alguém.”

O candidato disse que o agronegócio não precisa se preocupar com a atualização dos índices de produtividade agrícola previsto no programa de governo do PSB.

“Os índices vêm da época da ditadura. Ele foi criado como um elemento de punição, mas nós achamos que hoje esse índice deve ser usado para premiar”, explicou, **citando como exemplo maior acesso a crédito.** “Hoje, o agricultor que não tiver produtividade vai ser desapropriado pelo mercado, e não pelo governo.” (PERON; FERNANDES; VENTURINI, 2014).

O modelo Entrevista Pingue-Pongue Coletiva é mais comumente encontrada em blogs jornalísticos e nos sites institucionais.

6 Contraexemplos

No levantamento foi possível encontrar ainda alguns contraexemplos, tipos de textos que adotam a estrutura de pergunta e resposta, mas que não configuram a entrevista pingue-pongue, seja por não adotarem a simultaneidade, pelo fato de as perguntas não serem contextualizadas, ou,



ainda, por muitas vezes não fazer uso de uma narrativa de apresentação. O bate-bola, cuja expressão é difundida na prática, às vezes até nomeando a sessão que o publica, ainda que não encontrada na literatura base deste artigo, é um exemplo dessa formatação, que lembra o tradicional pingue-pongue, embora não o seja se olharmos atentamente sua estrutura.

Nele não há efetivamente a construção de uma pergunta, mas é proposto, a partir de termos escolhidos, que o entrevistado comente ou, simplesmente, diga algo que lhe vem à mente a partir desta associação. É o caso encontrado nas colunas publicadas no Jornal *O Popular*, de Goiânia. A transcrição detalha o modelo.

[...] Esporte ou academia?

Esporte

Lugar inesquecível?

Polinésia

Melhor parte de ser pai?

Aprender com os filhos (MARCHESI, 2016).

Outro modelo que se aproxima da formatação da entrevista pingue-pongue, mas que na sua essência acaba se distanciando foi encontrada na seção "*Você Entrevista*" do jornal *Extra*. A chamada do espaço explica a proposta: "Quer participar, mandando a sua pergunta? Você pode fazê-lo através dos **comentários** deste *post* ou então pelo e-mail *voceentrevista@extra.inf.br*". (Chamada da seção *Você Entrevista*).

No modelo, o jornal não conduz a conversa, mas envia por e-mail para o entrevistado algumas questões sugeridas por internautas e postadas nos comentários da chamada da entrevista. As perguntas são transcritas com o nome do internauta que as envia e, muitas vezes, o entrevistado acaba dirigindo-se ao interlocutor pelo nome. Propõe-se, assim, chamar este tipo de **Bate-papo Mediado por Comentário**. A palavra "mediada" foi acrescida porque o veículo não interfere e nem conduz a entrevista, apenas propõe ao autor e administra as postagens. A transcrição detalha os tipos de perguntas e as respostas geradas.



Você parece uma mulher muito fina e educada. Já saiu do sério por conta de ciúme ou injustiça? (Luiza Pereira)
Oi, Luiza. Tudo bom? Como qualquer um, já saí do sério, sim.
É difícil implicar com Isis Valverde? (Bianca Magalhães)
É bem difícil. Ela é uma pessoa muito querida e doce. A gente se diverte. É uma grande farra. (MARIA..., 2017).

De modo geral, ainda que não sejam exemplos de pingue-pongue, a catalogação dos bate-papos serve de registro da prática.

7 Considerações finais

A prática do jornalismo resume-se, em boa parte, na produção de textos distintos, em contar histórias de formas variadas. Assim, conhecer profundamente as possibilidades que essas narrativas permitem e adotam é essencial para se entender a profissão. Mais que uma mera descrição do campo, a classificação e a ordenação de tipos são um modo de interpretar a realidade. Quando trazemos esse jeito de ver o mundo para uma área tão dinâmica quanto o jornalismo, vê-se que outras influências, editoriais, de mercado, estilísticas etc. acabam por incidir diretamente no texto.

Embora seja possível encontrar com certa facilidade pesquisas e escritos sobre os gêneros jornalísticos e formatos – mesmo que com outra nomenclatura –, as classificações de tipos ainda são uma lacuna na área, visto poucos autores se dedicarem a esmiuçar suas particularidades e as poucas iniciativas neste caminho apenas citam as variações, sem, efetivamente, discutir ou descrever sua formação. Assim, conhecer esses tipos e catalogar sua prática é uma forma de enxergar a rotina da profissão e ampliar as possibilidades de discussões sem torno da escrita jornalística. É possível se perguntar, por exemplo, a quem cabe organizar os bate-papos? Ou sobre a influência das ferramentas do ciberjornalismo na construção das entrevistas tradicionais. Estudos quantitativos, sobre a incidência dos modelos, e ainda, identificar em que editoriais ou perfis



editoriais de veículos ocorrem com mais ou menos incidência cada tipo de entrevista são outras questões que esse levantamento aventa.

A entrevista, apesar de ser um formato sedimentado, permite variações, como se viu neste estudo. Talvez por ser tão legitimada como um produto da rotina da imprensa, não se tenha dado importância para suas variações. Neste sentido este estudo buscou traçar um primeiro olhar para as possibilidades de escrita da entrevista. Esta taxionomia não tem a pretensão de encerrar as tipologias do formato, mas se coloca como um possível recurso didático para pensar e orientar a construções de textos na prática do jornalismo.

Entendemos essa pesquisa como um ponto de partida para a discussão. Inicialmente um exercício didático para entender a produção textual jornalística, ela inspira outros estudos mais aprofundados, e até quantitativa, na tentativa de buscar uma classificação mais definitiva, quem sabe, no futuro.



Referências

- ALTMAN, Fábio. **A arte da entrevista**. São Paulo: Bom Tempo, 2004.
- BARBEIRO, Herótodo; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de jornalismo**: rádio, TV e novas mídias. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
- BELTRAO, Luiz. **A imprensa informativa**: técnica da notícia e da reportagem no jornal diário. São Paulo: FolcoMasucci, 1969.
- BEZZERA, Jackson. Cláudia Raia: "Sei escolher quem eu quero do meu lado". **Quem**, São Paulo, 06 nov. 2016. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/Entrevista/noticia/2016/11/claudia-raia-sei-escolher-quem-eu-querdo-meu-lado.html>. Acesso em: 05 jan. 2019.
- CAPUTO, Stella. G. **Sobre entrevistas**. Teoria, prática e experiências. Petrópolis: Vozes, 2006.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar**. Travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos. São Paulo: Summus, 2008.
- COSENZO, Luiz; RODRIGUES, Bruno. Se jogasse no futebol masculino, não precisaria trabalhar nunca mais, diz Marta. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 24 dez. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/12/se-jogasse-no-futebol-masculino-nao-precisaria-trabalhar-nunca-mais-diz-marta.shtml>. Acesso em: 05 jan. 2019.
- ENTREVISTA coletiva concedida pela Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante café da manhã com jornalistas. **Palácio do Planalto**, Biblioteca Presidência da República, Brasília, 07 jan. 2016. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/entrevistas-presidenta/entrevista-coletiva-concedida-pela-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cafe-da-manha-com-jornalistas-palacio-do-planalto>. Acesso em: 05 jan. 2019.
- ERBOLATO, Mário. **Técnicas de codificação em Jornalismo**. São Paulo: Ática, 1991.
- FLORESTA, Cleide; BRASLAUSKAS, Lígia. **Técnicas de reportagem e entrevista**: roteiro para uma boa apuração. São Paulo: Saraiva, 2009.
- FONTANELLA, Bruno Jose Barcellos [et al.]. Amostragem em pesquisa qualitativa: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 389-394, fev. 2011.
- GARCIA, Luiz (Org.). **Manual de Redação e Estilo**. São Paulo: Editora Globo, 1993.



GARCIA, Pedro Piccoli. Estratégias Narrativas em Entrevistas Pingue-Pongue: Uma Análise de "As 30 melhores entrevistas de Playboy. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 17., 2016, Curitiba, PR. **Anais [...]**. Curitiba, PR: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2016.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MANUAL DA REDAÇÃO. Folha de S. Paulo. São Paulo: Publifolha, 2018.

MANUAL DA REDAÇÃO. Folha de S. Paulo. São Paulo: Publifolha, 2002.

MANUAL DE ESTILO. Editora Abril. São Paulo: Editora Abril, 1990.

MARCHESI, Bruna. Bate-bola: Henri Castelli. **O Popular**, Goiânia, 14 fev. 2016. Disponível em: <https://www.opopular.com.br/noticias/ludovica/lazer/bate-bola-henri-castelli-1.1036584>. Acesso em: 05 jan. 2019.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisa; amostragem e técnicas de pesquisa; elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 2018.

MARIA Fernanda Cândido é a próxima convidada do 'Você entrevista'. [S.I.]: **Extra**, Globo, 02 jul. 2017. Disponível em: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/maria-fernanda-candido-a-proxima-convidada-do-voce-entrevista-21545270.html>. Acesso em: 05 jan. 2019.

MARTINS FILHO, Eduardo. **Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo**. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1997.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista**: Diálogo possível. São Paulo: Ática, 1995.

MEDINA, Jorge Bomfim. **Gêneros jornalísticos**: repensando a questão. Ciências, Humanidade e Letras, Pernambuco, v. 1. n. 1. p. 45-55, 2001.

MELO, José Marques de. **Jornalismo**: compreensão e reinvenção. São Paulo: Saraiva, 2009.

MELO, José Marques de; ASSIS, Fransisco. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 39-56, jan./abr. 2016.

MELO, José Marques de; ASSIS, Fransisco. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2010.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. **Técnicas de redação em jornalismo**: o texto da notícia. São Paulo: Saraiva, 2009.

OYAMA, Thays. **A arte de entrevistar bem**. São Paulo: Contexto, 2009.



PEREIRA, Fábio Henrique. A entrevista no jornalismo brasileiro: uma revisão de estudos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Santa Catarina, v. 14, n. 2, p. 139-149, 2017.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

PERON, Isadora; FERNANDES, Ana; VENTURINI, Lilian. 'Ninguém governa sem o PMDB', afirma Beto Albuquerque. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 17 set. 2014. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,ninguem-governa-sem-o-pmdb-afirma-beto-albuquerque,1561677>. Acesso em: 05 jan. 2019.

PINTO, Ana Estela de Sousa. **Jornalismo Diário**: Reflexões, Recomendações, Dicas, Exercícios. São Paulo: Publifolha, 2009.

SILVA, Nivea Rohling da. O gênero entrevista pingue-pongue: reenunciação e valorização do discurso do outro. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 12, n. 2, p. 505-530, jul./dez. 2009.

SQUARISI, Dad; SALVADOR, Arlete. **A arte de escrever bem**. São Paulo: Contexto, 2005.

TAVARES, Frederico de Mello B.; SCHWAAB, Reges. **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

TRAVANCAS, Isabel. A entrevista no jornalismo e na antropologia. Pesquisando jornalistas. In: MAROCCO, Beatriz. (Org.). **Entrevista na prática jornalística e na pesquisa**. Porto Alegre: Libreto, 2012, p. 15-30.

TODA mulher é meio Leila Diniz. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 22, 20 a 26 nov. 1969.